

NELSON WERNECK SODRÉ E O GOLPE DE 1964

OLGA SODRÉ

1. UMA LONGA LUTA E A ANÁLISE DO PROCESSO DO GOLPE

Nelson Werneck Sodré (1911-1999) lutou ao longo de toda sua vida contra as várias tentativas antidemocráticas e antipopulares que culminaram no golpe de 1964, e se abateram duramente contra ele. Com base em uma extensa e profunda análise marxista da história e da realidade social de sua época, ele realizou essa luta, no meio militar e civil, enfrentando um longo debate a respeito das diversas alternativas para o desenvolvimento brasileiro. Defendia esse historiador um desenvolvimento articulado à luta pela cultura brasileira, pela soberania nacional, pela justiça social, pela emancipação do povo e pela democracia. Tendo sido perseguido por suas idéias ao longo de toda sua carreira militar e intelectual, ele permaneceu inabalável em sua paixão pelo Brasil e pelo seu povo. Sempre manifestando sua inquietude intelectual com a situação social do país, ele procurou dar respostas e soluções ao sofrimento de um povo que nunca deixou de escutar. Para melhor

compreendermos a luta e a análise de Nelson Werneck Sodré a respeito do golpe de 1964, assim como a fúria que sobre ele se abateu após sua instauração é importante lembrar primeiramente as linhas gerais de sua perspectiva sobre esse processo social.

Atento aos sucessivos embates nas diferentes trincheiras da vida cultural e política do Brasil, Nelson Werneck Sodré pensava nosso desenvolvimento subordinado às necessidades sociais e nacionais e não aos interesses de uma minoria ou do capitalismo internacional. Tendo vivido numa fase de grande efervescência intelectual, no campo da economia, da política e das artes, ele procurou contribuir para alterar várias ideias, como as de nação, de povo, de valores e ideais sociais ou de formação e transformação da sociedade brasileira. A partir da década de cinquenta, intensifica-se a luta política em torno dos diversos tipos de projeto para o Brasil e surgem algumas propostas de alterações profundas da sociedade brasileira. Observa-se o despontar de um forte anseio nacionalista, de um desejo de transformações e reformas, e de lutas para incorporar os setores populares a um projeto de mudança nacional. Não apenas ele analisa as transformações sociais e delas participa, mas toda sua obra vibra aos acordes das mudanças em curso e das possibilidades que estas poderiam abrir para um futuro mais humano e igualitário para o povo brasileiro.

Nesse contexto, Nelson Werneck Sodré passa a representar uma alternativa de pensamento e se consolida como um ícone do intelectual socialmente engajado. Ele soube não apenas analisar e sintetizar o que melhor existia, naquele momento, na vida cultural, política, civil e militar do país, mas também entrelaçar numa nova perspectiva o que despontava no novo espaço público de discussão e fortes embates político-militares, que afetaram profundamente o Brasil e a vida de todos os que nele participavam. Suas memórias narram o desenrolar dessas lutas e os atores envolvidos nesse processo, e suas análises desvendam aspectos fundamentais de uma engrenagem de dependência, manipulação e alienação que continua a funcionar e propiciaram o desencadeamento do golpe de 1964. Seu estudo dos diferentes aspectos dessa questão foi sintetizado em seus livros da última etapa de sua obra.

Para este historiador, a formação do que ele caracteriza como a etapa da luta nacional popular corresponde ao alastramento das relações capitalistas a partir da Revolução de 1930. Nelson Werneck Sodré chama a atenção para uma característica fundamental que só tem se acentuado após o golpe de 1964, e que persiste no atual rumo do desenvolvimento brasileiro. Mostra que, neste tipo de desenvolvimento capitalista, os produtos de tudo o que o ser humano tinha anteriormente encarado como inalienável (virtude, amor, ciência e consciência) se transformam em mercadoria, em objeto de

troca e tráfico, podendo ser alienado. Em tom profético e bem atual, Nelson Werneck Sodré comenta, citando K. Marx, que este é o tempo da corrupção geral e da venalidade universal. Considera que as engrenagens do modo de produção capitalista passam a orientar a vida nacional, segundo critérios que seus atores não controlam mais, conduzindo-nos à dominação da sociedade de comunicação de massas.

Para se entender a luta política e intelectual de Nelson Werneck Sodré contra as sucessivas tentativas de golpe é preciso levar em conta o aspecto democrático da perspectiva do autor sobre esta questão. Uma importante característica dessa época, após a ditadura de Vargas, foi a abertura do espaço público brasileiro, propiciada pelo retorno à democracia. Sua formação de militar profundamente nacionalista faz Nelson Werneck Sodré reagir à tentativa de fazer com que as forças armadas deixem de ser as guardiãs da democracia e passem a exercer diretamente um poder subordinado a forças estrangeiras. Sua visão a esse respeito se enraíza, portanto, não só em sua luta política pela transformação do Brasil, mas também, numa acirrada luta contra as várias tentativas de golpe que ameaçavam nossa nascente democracia. Ele estava afinado com a abertura nacional democrática e compreendia sua importância para o surgimento de um novo espaço público de

discussão e confluência das várias atividades da vida cultural, artística e política.

Havia, nessa época, uma intensa participação de diferentes atores sociais e culturais no processo de mudança da sociedade e nos debates sobre os projetos da nova nação que emergia no cenário internacional. Um exemplo que ilustra bem a importância desse tipo de espaço foi o papel nele exercido pelo *Instituto Superior de Estudos Brasileiros* (ISEB)¹. Diferentes setores sociais participavam ativamente dessa efervescência cultural e política. A capacidade de sonhar estava, então, mais diretamente integrada à realidade social e ao processo de mudança em curso. A ligação entre o sonho e a ação era, então, distinta da maneira de sonhar atual que, nos nossos dias, passou a ser mais fortemente subordinada aos diferentes meios de comunicação e inserida no mundo virtual.

¹ O ISEB foi criado em 1955, dentro do Ministério da Educação, e tem suas origens num grupo de estudos que costumava se encontrar, em 1952, no Parque Nacional de Itatiaia, tendo por isso ficado conhecido como o “Grupo de Itatiaia”. Em torno de Helio Jaguaribe se reuniam intelectuais como Rômulo de Almeida, Cândido Mendes de Almeida, Ignácio Rangel, Evaldo Correia Lima, e à distância, Nelson Werneck Sodré, que nessa época estava ainda em seu ‘exílio’ numa pequena cidade do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, o Grupo de Itatiaia criou o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política – IBESP, que passou a editar a revista *Cadernos do Nosso Tempo*, na qual Nelson Werneck Sodré também colaborou. Em 1955, os integrantes do IBESP decidiram criar um novo órgão - o ISEB - que fosse voltado para a pesquisa e o ensino das ciências sociais e para a compreensão crítica da realidade brasileira, podendo, assim, trazer subsídios e influir nas decisões oficiais relativas à orientação da política de desenvolvimento.

Nelson Werneck Sodré se bateu pela preservação da democracia, em várias trincheiras, sempre enfatizando a importância da garantia da legalidade e das liberdades de expressão como fundamental para as transformações sociais em curso. Na década de sessenta, período no qual publicou grande parte do resultado de suas pesquisas históricas baseadas no método marxista, Nelson Werneck ganhou grande notoriedade por sua inovadora interpretação da formação histórica do país, tendo sido suas teses alvo de muitas controvérsias e polêmicas. Porém, seu combate não se restringia apenas ao espaço do ISEB e dos vários meios de comunicação e cultura, mas se expandia para a arena política, atingindo também outras instituições com as quais ele colaborou em particular a diretoria do Clube Militar e o Sindicato dos Escritores. Esta integração entre a dimensão política e científica é uma das características de sua abordagem marxista e corresponde a uma determinada visão do caráter político da ciência e do trabalho intelectual, pelo qual foi duramente criticado e teve que pagar um alto preço em sua carreira intelectual e militar.

Foi com base em uma consistente e sistemática análise da situação social brasileira que Nelson Werneck Sodré não só elaborou sua teoria sobre o Brasil, mas também foi levado a travar sucessivas lutas pela legalidade democrática, como, por exemplo, em apoio à defesa dessa legalidade feita pelo General Lott ou pelas

forças democráticas, no período que antecedeu ao Golpe de 64. Não estava mais na vida ativa militar, quando ocorreu o golpe de 1º de abril de 1964, pois seus opositores conseguiram dismantelar o esquema de defesa democrática, antes mesmo da culminação do golpe. Tinha continuado sua luta na diretoria do *Instituto Superior de Estudos Brasileiros* (ISEB), cujo espaço físico foi liquidado imediatamente após o golpe. Opositor ferrenho da ditadura instaurada por este golpe, Nelson Werneck Sodré esteve na lista dos dez primeiros cassados políticos, foi duramente perseguido e teve a sua obra velada por uma cortina de silêncio na imprensa e desqualificada pelo *establishment* acadêmico, do qual nunca fez parte, tendo sempre priorizando o espaço público acima mencionado e seu solitário ofício de escritor.

Nelson Werneck Sodré não quis se exilar nem abandonou o combate político e cultural durante a ditadura. Nas décadas seguintes à vitória do golpe militar de 1964, o regime instaurado lança uma política de desenvolvimento neoliberal que exclui as camadas populares e atrela o desenvolvimento brasileiro ao capital internacional². As vertentes críticas ao modelo de desenvolvimento implantado pela ditadura tinham saído politicamente derrotadas, após uma árdua luta por um desenvolvimento brasileiro autônomo e

² Por este caminho, o golpe de 64 acelerou a dependência, travou o desenvolvimento e desarticulou a sociedade civil brasileira, atrelando nosso desenvolvimento ao processo de globalização.

seus principais intérpretes foram duramente golpeados. Muitos dos militares que assumem o poder foram alunos de Nelson Werneck Sodré, na Escola Superior de Guerra, mas isto não impede que ele seja cassado e preso. Apesar de sua ligação com os ideais nacionalistas do Exército Brasileiro, sua luta política será cortada destas raízes, e ele será privado dos seus direitos políticos. Embora seu combate pela cultura tenha sido erguido sobre uma obra construída com grande rigor e baseada em profunda e sistemática pesquisa, sua forma de escrita combativa, com veios jornalísticos e políticos será duramente criticada pelas tendências científicas dominantes no meio acadêmico, na década de setenta.

No início desta década, a modernização capitalista implantada por este sistema gera o chamado “milagre econômico brasileiro”, que possibilita uma acumulação interna sem a distribuição da renda e as mudanças das estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais do país, defendidas por Nelson Werneck Sodré e por outros intérpretes das propostas nacionalistas e populares. Tendo se mantido como observador atento dos acontecimentos sociais em curso, Nelson Werneck Sodré não se deixa abater. Analisando com grande argúcia e clareza o novo sistema implantado, no Brasil, ele consegue desmascarar a nova roupagem neoliberal do capitalismo, no Brasil, desde seu início, tendo sido um precursor de uma visão crítica a respeito deste sistema. Em um livro publicado em Buenos

Aires, em 1973, *BRASIL: RADIOGRAFIA DE UM MODELO*, Nelson Werneck Sodré se confronta diretamente com este “milagre econômico” da ditadura³. Assistimos, atualmente, o esgotamento desse modelo neoliberal, de cuja crítica Nelson Werneck Sodré foi um pioneiro, tendo escrito um livro a este respeito, *A FARSA DO NEOLIBERALISMO*⁴, editado pela primeira vez em 1995 com textos escritos desde o início de 1990.

Sua obra de maturidade elaborada nos anos cinquenta/ sessenta tinha sido fruto de uma situação de abertura e confluência de ideias que lhe permitiu fazer uma síntese dos diferentes aspectos do desenvolvimento e aprofundar sua luta política e intelectual. No contexto brasileiro forjado após os anos setenta, a situação é diversa, sendo fundamental levar em conta os conflitos e embates travados neste período. Representante de uma época de grande efervescência cultural e de um momento histórico de abertura e integração intelectuais, o autor vê com apreensão o processo de esfacelamento e especialização em curso na vida cultural e científica brasileira, e observa com tristeza a acentuação do fechamento dos intelectuais em grupos, circuitos ou redutos profissionais e acadêmicos, que os separam dos demais grupos sociais e da sociedade. Este momento de fechamento e especialização intelectual difere do período anterior de

³ Nelson Werneck Sodré, *BRASIL: RADIOGRAFIA DE UM MODELO*, Buenos Aires, Orbelus, 1973.

⁴ Nelson Werneck Sodré, *A FARSA DO NEOLIBERALISMO*, Rio de Janeiro, Graphia, 1995.

grande intercâmbio entre os intelectuais e de ligação destes com as camadas populares emergentes na cena política. Levando-se em conta a mudança de contexto e de problemática, podem-se, portanto, distinguir três etapas no processo de produção intelectual de Nelson Werneck Sodré: uma fase inicial de construção de seu pensamento, uma fase de maturidade em sua produção e metodologia e uma fase final de revisão e síntese, na qual faz a análise do golpe e da ditadura, criticando a nova situação social e política por ela forjada.

O fechamento das perspectivas de desenvolvimento político, social e cultural pelo qual tanto tinha lutado e a nova situação criada pelas transformações capitalistas e pela ditadura acentuam, nessa etapa, a crítica política de Nelson Werneck Sodré às forças sociais dominantes, sendo ele conduzido a uma contundente revisão crítica do sistema implantado, no Brasil, e a uma polêmica teórica com os detratores de sua obra. A importância desta etapa para a reflexão sobre o desenvolvimento brasileiro decorre da possibilidade histórica que teve o autor de confrontar as anteriores propostas de desenvolvimento brasileiro defendidas pelo autor com as propostas do modelo neoliberal implantadas pela ditadura e pela globalização. Este confronto lhe permite melhor ressaltar as características do modelo de desenvolvimento nacionalista e popular que foram abortadas pelo golpe de 1964, pondo em relevo a importância da defesa e luta democrático-popular. Nas obras dessa última etapa de

sua produção intelectual, Nelson Werneck Sodré denuncia a ameaça da dependência e alienação cultural, destacando os perigos que o desenvolvimento da cultura de massa representa para um desenvolvimento autônomo do Brasil. Continua defendendo, ao mesmo tempo, a necessidade da abertura democrática e de uma maior integração e intercâmbio entre as diferentes atividades artísticas, culturais, econômicas e políticas, condenando duramente o modelo neoliberal implantado pelo golpe de 1964.

Os atuais avanços econômicos e conquistas sociais do país não são suficientes e precisam ser discutidos e aprofundados, em particular levando-se em conta que essa situação ainda se prolonga e gerou uma crise de âmbito mundial. As aquisições econômicas e sociais já conseguidas após a abertura democrática não dispensam a discussão sobre os rumos e os caminhos a serem adotados para um desenvolvimento mais completo do potencial humano e dos recursos naturais do país. Não podemos contentar-nos simplesmente com a melhoria dos índices econômicos e com o aumento do consumo dos diferentes produtos, assistindo passivamente à implantação de uma sociedade em que predominam a violência e o desrespeito ao ser humano e à natureza. O testemunho histórico de Nelson Werneck Sodré e de sua inquieta e batalhadora geração merece ser ouvido para que possamos elaborar propostas alternativas de desenvolvimento e de transformação social. Assim sendo, nada

melhor do que escutar a história escrita, nesse período, por aqueles que a viveram.

2. FÚRIA DA DITADURA E AMORDAÇAMENTO DO PENSAMENTO

Num depoimento escrito em 1976, durante o governo Geisel, e publicado em seu livro “*O Fascismo Cotidiano*”⁵, Nelson Werneck Sodré conta que o Instituto Nacional do Livro proibiu ao editor Ênio Silveira publicar não apenas o prefácio que escrevera para o romance de sua prima Martha, por ele apresentada a esse editor, mas até a dedicatória na qual ela lhe demonstrava seu reconhecimento. Esse gesto tão mesquinho ilustra a sistemática tentativa de assassiná-lo como escritor e de aniquilar qualquer manifestação de apreço por ele. Comentando esse triste episódio, ele menciona que não só o prenderam em uma fortaleza⁶, mas apreenderam também seus livros, tendo sido impedido de ensinar e privado da cátedra no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Esse pacífico escritor e professor não era um bandido, um malfeitor ou um político corrupto. Era um brilhante escritor, um militar exemplar, um democrata de ética irrepreensível, um homem

⁵ Nelson Werneck Sodré, *O Fascismo Cotidiano*, Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, pp 26-30.

⁶ Ele esteve preso no forte de Copacabana e na fortaleza de Santa Cruz.

completamente dedicado ao trabalho pelo povo brasileiro, aos seus familiares e companheiros. Que crime cometera para que sobre ele se desencadeasse tal violência? Por que não tendo cometido nenhum crime ou violência, e sendo, ao contrário, extremamente afável e cordial mesmo com seus piores opositores, foi ele considerado tão perigoso por aqueles que implantaram a ditadura em nosso país? Por que foi ele colocado na lista dos dez primeiros eminentes brasileiros a terem seus direitos políticos cassados, entre eles dois Presidentes da República?⁷ O instituto onde ele ensinava (o ISEB) foi brutalmente extinto por um dos primeiros atos do novo governo, que, imediatamente, logo no dia seguinte de sua posse, mandou fechar a sede desse instituto, na Rua das Palmeiras.

Em várias palestras e artigos, particularmente em “*O ISEB, Nelson Werneck Sodré E A Cultura Brasileira*”⁸ procurei testemunhar a valiosíssima contribuição intelectual e cultural dessa instituição, onde tantos cursos e eventos maravilhosos reuniram públicos os mais heterogêneos e ávidos de conhecimento sobre a realidade brasileira e sobre projetos para o desenvolvimento do país. As arbitrariedades atingiram não apenas a pessoa e a vida política e intelectual de Nelson Werneck Sodré, mas se estenderam aos seus

⁷ Juscelino Kubitschek e Jango Goulart.

⁸ Olga Sodré, “O ISEB, Nelson Werneck Sodré e a Cultura Brasileira”, Campo Grande (MS): *Revista de História ALBUQUERQUE*, v. 3 –n.6, jul./dez. 2011, pp.9-22.

livros e à sua produção intelectual: as livrarias se recusavam a receber seus livros para a venda, os jornais não mencionavam o seu nome e ele só podia escrever em algumas revistas sob pseudônimo. No livro acima citado, Nelson Werneck Sodré conclui que isso equivale a morte de um escritor, e era esse justamente o objetivo: matar a sua obra e sua atividade intelectual, amordaçar seu pensamento. É preciso dizer que essa tentativa de assassinato intelectual foi extremamente dolorosa de ser vivida não apenas para ele, mas igualmente por mim, toda nossa família, e a geração assim golpeada.

A análise da perseguição e da fúria que se desencadearam contra Nelson Werneck Sodré e o ISEB, assim como o destaque a eles dados nas medidas precursoras e iniciais do governo ditatorial têm muito a nos ensinar sobre o processo político brasileiro. É importante andarmos para frente, ultrapassando esses tristes episódios sem, entretanto, nos esquecermos das violências e dos crimes cometidos. É fundamental tirarmos as lições essenciais desse passado, pesquisando a verdade dos fatos e nos perguntando o porquê de tanta violência, em particular contra alguém que não tinha nenhum cargo importante no governo deposto, tinha sido colocado na reserva por esse mesmo governo, o governo do Presidente Jango Goulart, não estava mais em nenhum comando militar e se dedicava apenas a escrever e ensinar. As medidas contra ele e o ISEB foram,

em última análise, uma brutalidade contra a cultura e o pensamento. Elas revelam o medo que essas autoridades tinham de uma atividade intelectual livre e colocada a serviço do povo e da nação. O verdadeiro perigo que temiam não era um golpe comunista eminente, pois não havia nem sinal dele no horizonte. O perigo estava na mudança das consciências que o conhecimento pode trazer.

Para se verificar que o alvo era o conhecimento bastaria lembrar que, logo no primeiro dia do novo governo, dia 1º de abril de 1964, a belíssima sede do ISEB foi invadida e completamente depredada, nada ficando inteiro, no edifício onde tantos eminentes pesquisadores haviam debatido e lecionado. Abordando o fascismo cotidiano instaurado pela ditadura, Nelson Werneck Sodré descreve como as cadeiras e mesas desse instituto foram esvaquiadas, os quadros arrancados das paredes, as vidraças e molduras quebradas, as poltronas esfaqueadas, as gavetas atiradas ao chão e os papéis espalhados pelo jardim, as estantes derrubadas e os livros rasgados. Esses atos por si só narram a história de um ódio tremendo contra a cultura e o conhecimento. Imediatamente preso após o golpe, ainda em maio de 1964, Nelson Werneck Sodré teve que responder a um Inquérito Policial Militar (IPM) sobre o ISEB, que envolveu também três Ex-Presidentes da República, Ministros da Educa o,

professores, escritores, editores, teatrólogos, cineastas, parlamentares, militares, dirigentes sindicais e estudantes.

O Ministério da Educação foi transformado em Palácio de IPM e os dirigentes desses inquéritos passaram a governar nosso país, sua cultura e sua educação! O primeiro IPM ao qual Nelson Werneck Sodré respondeu foi publicado em junho de 1964, e a acusação contra ele era de “ação extremista no meio intelectual e estudantil, agindo principalmente no âmbito do Ministério da Educação”⁹. Nesse IPM, se faz alusão ao seu depoimento prestado na Fortaleza de Santa Cruz (Niterói-RJ), para onde fora levado e permaneceu por 54 dias, após ser preso, no dia 26 de maio de 1964, por investigadores da Polícia Paulista, na fazenda de sua tia em Fernandópolis (SP). Nesse IPM, Nelson Werneck Sodré foi acusado de ser “um dos mais ativos responsáveis pela infiltração comunista no Ministério da Educação e Cultura”, mas respondeu que sua ideologia estava registrada em seus livros. Em conclusão, é dito: “suspeito desde 1951, hoje parece deve ser considerado comunista”. O crime de que ele e muitos outros intelectuais foram acusados era, portanto, um crime que se situava no nível das idéias, era um crime

⁹ As citações desse IPM foram retiradas de cópias de algumas folhas desse inquérito a mim cedidas por Rodrigo Czajka e por ele recolhidas numa pesquisa realizada nos arquivos de Brasília entre 2006 e 2008, em busca de informação sobre os IPM da Imprensa Comunista e do Comitê Cultural do PCB, e a quem autorizei o acesso e uso desse material para sua tese de doutorado.

ideológico, e a perseguição a que foi submetido atentava em última instância contra a liberdade de pensamento.

Esses foram tempos muito sombrios para todos nós, pois não apenas meu pai teve que se esconder e foi preso, mas eu também não podia voltar para casa, tendo que viver mudando de esconderijo por não saber o que me esperava se eu voltasse para casa. Não se tratava apenas da perseguição ao meu pai, mas eu também podia estar em risco ou colocar outras pessoas em risco, já que, na época, eu era membro do comitê universitário do Partido Comunista. Eu era uma jovem idealista que nada tinha feito além de defender a justiça social e almejar um mundo melhor, porém podia também ser considerada criminosa por defender idéias contrárias às da ditadura. Tendo escapado às pressas da ocupação militar do diretório acadêmico da faculdade de direito (Caco), onde os estudantes resistiam, no dia do golpe, eu temia tanto pelo meu pai, como por mim e meus companheiros. Conto esses fatos pessoais para que se possa ter uma noção da nuvem de terror que escureceu o céu de nossas vidas, e para que se possa ter uma visão da extensão do mal que se abateu sobre Nelson Werneck Sodré, envolvendo seus familiares e companheiros.

Não foram as pessoas engajadas politicamente que me abrigaram, na medida em que nossos companheiros atravessavam também a mesma tempestade, Fui acolhida por pessoas conhecidas

de quem nunca esperei tal atitude. Eram pessoas simplesmente boas e íntegras que tomaram consciência política com o golpe, e que acabaram aos poucos por se politizaram em decorrência do que viram ou viveram, no processo instaurado pela ditadura. Sobrevivi a esse período, mas estava completamente atordoada. O ano de 1964 era o ano de minha formatura, porém o mundo desabara sobre minha cabeça e os meus sonhos de uma sociedade mais justa e mais humana desmoronaram como um castelo de areia. Esse era o projeto de vida que me interessava, e, de um momento para o outro, eu não tinha mais projeto ou interesse por coisa alguma. Meu pai resistia bravamente, e diante dele eu fazia de conta que era forte, mas a verdade é que perdera o rumo. O sofrimento era tão profundo que já nem sentia medo, e resolvi voltar para casa, sabendo que minha mãe enfrentava tudo aquilo sozinha, com a ajuda apenas de familiares e amigos.

Fui emergindo aos poucos desse abismo, mas estava completamente abalada pelo horror que a ditadura instaurara em nosso país, assim como pela dor dos amigos desaparecidos, mortos ou torturados. Ao contrário de mim, quando a ditadura se instaurou no Brasil, Nelson Werneck Sodré já estava forjado por um longo processo de lutas políticas anteriores e estava mais amadurecido e preparado para enfrentar a terrível situação da ditadura. Quando essa chegou, eu recém começara minha vida política. Ela era uma

planta ainda muito débil que mal despontava e foi ceifada pela raiz. Embora também amargurado com o desmoronamento de uma vida inteira dedicada à atividade literária e à luta pela cultura e pela transformação do país, Nelson Werneck Sodré recusou a hipótese de se exilar e deixar o Brasil. Tinha plena consciência que aqui era seu lugar, e não queria, de modo algum, deixar uma luta nacional à qual já se entregara de corpo e alma. Ele havia trabalhado dia e noite para tentar pensar e escrever sobre o enigma social brasileiro, participando ativamente de um longo processo para impedir as anteriores tentativas de golpe e denunciar os entraves que bloqueavam a emancipação do nosso povo. Já tendo sido afastado da cena política brasileira, durante o período que chamou de seu ‘exílio’, no sul do Brasil, ele não queria nem pensar em sair das terras brasileiras, preferindo resistir heroicamente e continuar lutando com as armas intelectuais que já manuseava como um grande mestre.

Nelson Werneck Sodré optou, portanto, pela resistência por meio do combate intelectual, mantendo acesa sua paixão pelo conhecimento do processo brasileiro e retratando essa sombria fase de nossa História em obras contundentes e precursoras, como *A Farsa do Neoliberalismo*¹⁰. Não se deixou abater, mantendo aceso o

¹⁰ Nelson Werneck Sodré, *A Farsa do Neoliberalismo*, Rio de Janeiro, Graphia, 1995.

fogo da paixão pelo Brasil e seu povo. Seu coração lúcido e consciente observava e analisava os detalhes desse violento processo ditatorial. Assim sendo, os livros de sua última e terceira etapa de produção são marcados pelo tom polêmico e apaixonado de um incansável combate político e de um incessante trabalho de levantamento de dados sobre as transformações sociais introduzidas pela ditadura para amordaçar o povo e atrelar nosso desenvolvimento à globalização capitalista.

A leitura atenta de seus livros permite-nos entender que o golpe e a violência da ditadura não ocorreram em consequência dos últimos acontecimentos do governo de Jango Goulart nem foram uma reação contra uma suposta ameaça comunista. As tentativas de golpe de estado, no Brasil, acompanham o processo de abertura democrática e transformação mundial iniciada em 1945 com a derrocada do nazismo e a deposição da ditadura de Vargas. Durante todo esse período e enquanto esteve na vida ativa militar, Nelson Werneck Sodré participou com sucesso dos movimentos nacionalistas e democráticos que conseguiram bloquear essas tentativas de golpe. Esse foi favorecido pela conjuntura internacional e pelo desmantelamento do sistema de defesa militar democrático e pelo afastamento de militares nacionalistas como Nelson Werneck Sodré.

O golpe de 1964 foi o desfecho de um longo processo de enfrentamento entre os golpistas e as forças nacionalistas e democráticas em luta pelo domínio do poder político e de nossas riquezas nacionais. Quando esse processo de luta nacionalista e democrática se abre em 1945, Nelson Werneck Sodré era um brilhante oficial com uma promissora carreira militar, que bem jovem tinha chegado a ser ajudante de ordens de Ministro da Guerra e instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, no período de 1948 a 1950, onde ensinou História Militar. Nessa época, ele participa da diretoria cultural do Clube Militar e dirige a *Revista do Clube Militar*, empenhando-se na luta pelo monopólio estatal do petróleo brasileiro e contra a participação do Brasil na Guerra da Coreia, posições também defendidas pelo PCB.

Por essas posições passa ele a ser acusado de comunista e, em 1951, é desligado da Escola de Estado-Maior e enviado para bem longe da cena política. Apesar de suas ligações com o então Ministro da Guerra, general Newton Estillac Leal, ele foi enviado para o extremo sul do país, na fronteira do Rio Grande do Sul, vivendo um ‘exílio’ político e cultural, numa pequena guarnição de Cruz Alta. Já nessa época, as forças de direita e suas tendências golpistas eram bem fortes. Nelson Werneck Sodré relata em vários de seus livros e memórias as tentativas de golpe militar contra as quais lutou. Conta, por exemplo, a tentativa de 1954 para depor o governo democrático

de Getúlio Vargas, que só foi impedida pelo suicídio deste Presidente da República.

Em 1955, acompanhei de perto a articulação por ele realizada junto aos comandos militares nacionalistas, atendendo a um telefonema do Ministro da Gera, General H. T. Lott, para ajudá-lo a bloquear o movimento golpista do onze de novembro. Em 1958, toma corpo uma acirrada e violenta campanha nos órgãos de comunicação contra o ISEB e Nelson Werneck Sodré, que já são sinais precursores da violência que viria a seguir com o golpe de 1964 e a ditadura. Ao longo de sua constante luta democrática e nacionalista, as críticas e ataques golpearão brutal e arbitrariamente a vida de Nelson Werneck Sodré devido às suas posições intelectuais e políticas. Durante a crise gerada pela renúncia de Jânio Quadros, Nelson Werneck Sodré ficou, por exemplo, preso por 10 dias por ter se oposto à tentativa do golpe que pretendia impedir a posse do vice-presidente eleito, João Goulart.

3. DESFECHO DO GOLPE DE 1964 E HERÓICA RESISTÊNCIA INTELECTUAL

Após a posse do Presidente Jango, a pressão contra ele continua e os militares de direita procuram tirá-lo mais uma vez da cena política, transferindo-o para uma guarnição militar, dessa vez

situada no extremo norte do país. Ele foi, então, designado para o Quartel General da 8ª Região Militar, em Belém (Pará). Estava ao lado dele, em seu apartamento em Botafogo, quando nosso querido amigo, o jornalista Raul Riff, Secretário de Jango, telefonou pedindo-lhe que entendesse a posição desse Presidente da República que precisava ceder pelo menos momentaneamente à pressão desses militares, até se fortalecer no poder. Nelson Werneck Sodré retrucou que já tinha cedido anteriormente às manobras desses militares, mas que não lhe parecia, naquele momento, oportuno deixá-los desmantelar o esquema militar nacionalista que impedira as tentativas anteriores de golpe, garantindo a posse desse Presidente.

Assim sendo, Nelson Werneck Sodré já previa a possibilidade de uma nova tentativa de golpe e, em consequência dessa maneira de encarar o desenrolar do processo político, recusou-se terminantemente a aceitar essa proposta. Em sinal de protesto, requereu seu afastamento do serviço ativo do Exército e consumou a sua exclusão das fileiras militares, em 25 de agosto de 1961, solicitando a sua passagem para a reserva. Terminava assim dignamente, embora sem o reconhecimento oficial, uma brilhante carreira militar, sempre dedicada ao serviço da nação brasileira e à defesa da ordem democrática. Convivi com Raul Riff, sua esposa Beatriz e seu filho Tito, durante o exílio deles em Paris, e muito conversamos sobre esses acontecimentos.

A decisão de Jango foi pessoalmente muito mais prejudicial para ele e para o Brasil do que para a vida de Nelson Werneck Sodré. Não apenas, após essa passagem para a reserva, pode ele se dedicar mais às suas atividades de escritor, pesquisador e professor, mas também pode ter uma mais intensa participação na vida política e cultural brasileira, projetando-se na memória nacional como o ‘General do Povo’, como contei em meu artigo para a **Revista ADVIR**, publicada pela Associação de docentes da UERJ¹¹. Além disso, se ele tivesse ainda na vida militar ativa, no Norte do Brasil, na época do golpe, talvez não tivesse ele sobrevivido para nos transmitir suas lúcidas análises sobre a situação econômica e política instaurada pela ditadura.

É evidente, entretanto, que a fúria de seus inimigos não ficou satisfeita com o fechamento do ISEB, com a cassação de seus direitos políticos, apreensão de seus livros e suas prisões. Quando voltei ao Brasil, em 1971, numa primeira tentativa de reintegração à vida do país, pude presenciar o recrudescimento da violência ditatorial contra os que ainda bravamente a ela resistiam entre eles Nelson Werneck Sodré. A atmosfera era ainda mais irrespirável do que no início dessa ditadura: o governo tentava de todas as maneiras amordaçar as vozes, calar o pensamento e sufocar qualquer resistência. Em abril de 1972, meu pai foi submetido a novo

¹¹ Olga Sodré, “O Centenário de um ‘General do Povo’ e ‘Pai da Nação’”, **Revista ADVIR**, Nº27, dezembro DE 2011, PP 59-65.

interrogatório na sede da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) do Estado da Guanabara (atual Estado do RJ). No parecer final de 09 de junho de 1972, o responsável da investigação observa ser ele “um intelectual, moderado ao falar, tratável e humilde, a despeito da posição”.

Esse investigador acrescenta que Nelson Werneck Sodré comentara nada temer sobre o processo, já que escrever um livro sobre o Brasil não pode ser considerado um crime. Entretanto, nesse processo, ele era acusado de ter cometido um ato ilícito ao escrever a *História Militar do Brasil*. Sob a alegação de inexistência de conexão entre os fatos praticados pelos indiciados, o processo foi, então, enviado ao Superior Tribunal Militar, em 1973. Esse Inquérito Político Militar (IPM) só terminou em maio de 1978, e como a última edição da *História Militar do Brasil* era de 1968, a sentença final considerou prescrita a ação penal de punição de um a três anos de prisão que deveria lhe ser imposta. Assim sendo, esse inquérito demonstra ter sido Nelson Werneck Sodré perseguido de modo absurdo e impiedoso, deste o início até o fim da ditadura. Na medida em que ele foi perseguido por suas idéias, por seus ideais e por sua atividade intelectual sob a acusação de comunista, cabe-nos agora testemunhar e refletir sobre essa questão.

A acusação de comunista e a curiosidade em torno dessa questão sempre pairaram sobre a atividade intelectual de Nelson

Werneck Sodré, e, por várias razões, não foram jamais por ele claramente elucidadas. A atual situação brasileira e o desejo de transmitir seu legado intelectual em toda sua integridade estimularam-me a dar meu testemunho a esse respeito. Não há dúvida, que, até o final de sua vida com quase noventa anos, ele continuava um polêmico e árduo defensor do marxismo, com base no qual ele deixou uma obra monumental e novas contribuições para o pensamento brasileiro e para as ciências sociais em nosso país, como defendi na Comissão Científica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ao destacar “*A Originalidade da metodologia de pesquisa histórica de Nelson Werneck Sodré*”¹².

Ele nunca pediu para pertencer ao IHGB ou nenhuma outra instituição acadêmica ou literária oficial. Ele sempre permaneceu à margem delas, dedicando-se unicamente à transmissão dos conhecimentos que poderiam servir ao povo brasileiro sem jamais fazer concessões à busca de cargos ou de prestígio. Passando por cima dessa marginalização, considereei que as comemorações do centenário poderiam tornar-se uma bela ocasião para que essas instituições reconhecessem os seus méritos e prestassem-lhe a devida homenagem, e por isso, desde 2008, procurei estabelecer um

¹² Esse pronunciamento foi feito na sessão comemorativa ao centenário de nascimento de Nelson Werneck Sodré, em 13 de julho de 2011, na qual se pronunciaram também os seguintes professores: Candido Mendes, Esther Caldas Bertolotti e Norma Côrtes, tendo todos os nossos depoimentos sido publicados na *Revista do IHGB*, a. 172, n. 453, out./dez. 2011, pp.53-107.

contato o mais amplo possível com as diferentes instituições das áreas do conhecimento nas quais ele atuara. Apesar de sua enorme e sólida produção literária e sua longa carreira de crítico literário, Nelson Werneck Sodré jamais tentara igualmente ingressar na Academia Brasileira de Letras, mas, com o apoio de alguns acadêmicos, em particular de Alberto Venâncio Filho e Carlos Heitor Cony, foi organizada numa mesa-redonda em homenagem ao Centenário dele, no dia 18 de agosto de 2011¹³.

Suas aprofundadas e vastas pesquisas, no campo da história, também nunca tiveram o aval acadêmico ou de alguma instituição histórica oficial. Ele só foi eleito e convidado a ingressar, no IHGB, nos últimos anos de sua vida, em agosto de 1997¹⁴. Em resposta ao presidente do IHGB, prof. Arno Wehling numa carta datada de 25 de agosto de 1997, Nelson Werneck Sodré escreve que seu primeiro impulso foi o de declinar o honroso convite em função do parecer elaborado por sócios do IHGB, como decisão da entidade, num

¹³ Nesse evento, doei a cada um dos acadêmicos um exemplar da nova edição de seu livro “*Memórias de um Escritor*”¹³, especialmente lançado nas comemorações do centenário, defendendo a “*Relevância das Memórias de um Escritor para a Literatura e a Cultura Nacionais*” Esse texto foi publicado com os dos demais participantes desse evento num CD da ABL feito para registrar essa comemoração.

¹⁴ Logo após uma reforma desse instituto, que criou um quadro especial de sócios honorários “integrado por nomes de notório saber e produção intelectual, nas áreas a que se dedica o Instituto, traduzidos em obras de real significação para os estudos brasileiros” (Ofício do IHGB 199/97).

libelo¹⁵ contra a História Nova do Brasil, obra coletiva por ele assinada com seus professores adjuntos¹⁶, no ISEB, entre eles Joel Rufino dos Santos. Após refletir sobre a questão, tomou, entretanto, a decisão de aceitar o convite apesar de tudo que acontecera anteriormente¹⁷.

Nelson Werneck Sodré foi, então, integrado ao quadro de Sócio Honorário do IHGB, mas, tendo falecido logo depois, em 1999, jamais compareceu às atividades dessa instituição. Essas pequenas narrações exemplificam como aquilo que Nelson Werneck Sodré escrevia incomodava a ponto de desencadear o repúdio, a fúria e a violência contra ele e seus livros. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o inquérito policial militar a respeito de sua versão da *História Militar do Brasil*, assunto sobre o qual ele foi, sem dúvida, um dos maiores conhecedores e intérpretes. A interpretação pessoal que tinha da história militar é um direito indiscutível de qualquer pesquisador. Tendo sido esse trabalho baseado em amplo e minucioso levantamento de dados e numa análise rigorosa de nossa

¹⁵ Esse parecer foi registrado na Revista do IHGB, tendo o historiador a ele respondido, na Revista Civilização Brasileira e em seu livro: Nelson Werneck Sodré, *A História da História Nova*, Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

¹⁶ Argumenta que em função desse parecer os autores desse livro foram presos, torturados, perderam seus trabalhos e três deles tiveram que se exilar.

¹⁷. Explicou, nessa mesma resposta, ter tomado essa decisão para não perturbar a ação da nova direção do IHGB, que estava dando sinais de mudanças renovadoras em sua orientação Solicita que sua carta fosse inserida na Revista do IHGB como fora o malsinado parecer, pedido que lhe foi negado por razões institucionais.

história militar, usando um método abalizado e cientificamente reconhecido, só caberia contra ele outra interpretação igualmente fundamentada e não um processo político – militar ou as críticas injuriosas de alguns professores universitários¹⁸.

Quanto à acusação de comunista, é preciso salientar que Nelson Werneck Sodré sempre defendeu os interesses nacionais, democráticos e populares. Seus livros, pesquisas ou ensinamentos focalizavam a realidade brasileira¹⁹. A sociedade comunista não era diretamente objeto de seus estudos, embora nela acreditasse. As pesquisas e livros de Nelson Werneck Sodré apenas analisavam e criticavam a situação histórica de dominação e espoliação do povo e da nação brasileira sob um enfoque marxista. Assim sendo, parece-me que a acusação de comunista é usada mais como uma justificativa para condenar essa incansável defesa dos interesses nacionais do povo brasileiro, em oposição aos interesses políticos e econômicos dos grupos hegemônicos no governo estabelecido pela ditadura. Com isso não pretendo encobrir ou negar que ele fosse comunista e defendesse os ideais de uma sociedade futura baseada no princípio da igualdade de todos, que atendesse às necessidades

¹⁸ Como as que foram feitas por alguns professores da USP, como já narrei em testemunhos anteriores, acima citados.

¹⁹ Da mesma maneira como o valor da obra arquitetônica de Oscar Niemeyer ou as pinturas de Portinari não podem deixar de ser reconhecidas por eles serem comunistas, a obra de Nelson Werneck Sodré só pode ser avaliada e reconhecida por seu valor histórico ou literário.

dos trabalhadores e que fosse por eles próprios governada. Ele foi e permaneceu comunista até o final de sua vida, sempre fiel a esses ideais.

Nelson Werneck Sodré recusava, contudo, a tentativa de reduzir seu enfoque a uma previsível classificação a priori com base em supostas acusações de sua obra orientar ou de ser orientada pelo Partido Comunista. Nunca me ocorreu perguntar se ele era membro do Partido Comunista. Eu inferia que ele era, e não me parecia necessário ou oportuno pedir-lhe um posicionamento a respeito. Eu sabia que, desde a Escola Militar, ele recebera de um de seus professores, o professor Isnard, a quem muito admirava, certas pinceladas de marxismo, porém sabia também que ele só amadurecera seu método histórico e dialético, após os anos cinqüenta, época em que eu o ajudei a organizar o material que serviu de base aos seus livros dedicados ao estudo do marxismo. Sua aproximação do Partido Comunista é seguramente anterior a esse período, e ocorreu possivelmente quando eu era ainda muito pequena, tinha apenas dois anos, e ele servia em Salvador, por volta dos idos de 1943. O mais importante, entretanto, para a apreciação de seu pensamento e de seu enfoque marxista, está expresso em sua extensa obra e em suas memórias que nos ajudam a melhor compreender o processo que levou às várias tentativas de golpe para que possamos evitar que elas continuem se repetindo e impedindo a

plena realização da democracia e das transformações sociais e humanas em nosso país.